

O discurso de resistência em “Curso Superior”, de Marcelino Freire

The discourse of resistance in “Curso Superior”, by Marcelino Freire

Mayara Mayre Silva dos Santos¹

Resumo: Este artigo investiga o conto “Curso Superior” da coletânea *Contos Negreiros* (2005), de Marcelino Freire, para verificar a forma que o conto se ocupa das problemáticas acerca da subalternidade, outremização e marginalização, imersas no discurso de resistência. A proposta consiste em analisar os traços deixados pela colonização ainda presentes na sociedade pós-moderna, os conceitos de “Colonialidade do Poder” (QUIJANO, 2005) e de “Decolonialidade” (MIGNOLO, 2003). Para tanto, serão utilizados como suporte as tendências críticas comparadas e culturais: pós-modernismo e pós-colonialismo, para subsidiar o firmamento de um elo entre o discurso empregado no conto e a busca pela descolonização das mentes.

Palavras-chave: Marcelino Freire; Colonialidade do Poder; Decolonialidade; Descolonização.

Abstract: This article investigates the short story “Curso Superior” from the Coletânea *Contos Negreiros* (2005), by Marcelino Freire, in order to verify the way in which the story deals with the issues of subalternity, outremization and marginalization, immersed in the discourse of resistance. The proposal consists of analyzing the traces left by colonization still present in postmodern society, the concepts of “Coloniality of Power” (QUIJANO, 2005) and of “Decoloniality” (MIGNOLO, 2003). Therefore, comparative and cultural critical trends will be used as support: postmodernism and postcolonialism, to support the establishment of a link between the discourse used in the tale and the search for the decolonization of minds.

Keywords: Marcelino Freire; coloniality of power; decoloniality; decolonization.

¹ Mestra em Letras, área de Literatura e Práticas Culturais, pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, vinculada atualmente como docente no setor de Graduação da Faculdade Intercultural Indígena – *Teko Arandu* (FAIND-UFGD) na área de Linguística, Letras e Artes e subáreas de Linguística Aplicada e Linguagens. E-mail: mayarassantos@ufgd.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5854-6984>.

Assuntos primários

Marcelino Freire escreve como quem pisa no massapê, chão de barro negro, como a fala preta amassada entre os dentes, no terreiro da sintaxe, dos diminutivos dobrados nas voltas da língua, como o outro Freyre, o com “y”. (Apresentação de *Contos Negreiros*, por Xico Sá, 2005).

A epígrafe colocada acima foi escrita por Xico Sá, jornalista e escritor brasileiro, como apresentação da coletânea *Contos Negreiros*, do autor Marcelino Freire. Marcelino Freire nasceu em 1967 em Sertânia (Pernambuco), sendo conhecido nacional e internacionalmente por suas criações literárias. O escritor recebeu o Prêmio Jabuti no ano de 2006 com a coletânea *Contos Negreiros* e atende por inúmeras produções de contos e ensaios; dentre suas obras estão: *Angu de Sangue* (2011), *Nossos Ossos* (2013) e *Bagageiro* (2018). Autor da literatura contemporânea, Marcelino Freire recebeu influências de escritores brasileiros como Manuel Bandeira e possui diversas criações e oficinas literárias. Os escritos dele são caracterizados por abordar questões cotidianas das metrópoles brasileiras, a fim de causar essa fusão entre a ficção e a aproximação com a realidade.

A coletânea *Contos Negreiros* assume um caráter intertextual com “O Navio Negro”, do poeta Castro Alves. Castro Alves narra através de cantos a trajetória de sofrimento passada pelos escravos e as vivências miseráveis nas embarcações. Embora o texto de Castro Alves tenha sido publicado em 1870, após a proibição do tráfico de escravos, o autor apresenta uma denúncia e crítica aos resquícios deixados por essa barbárie. De caráter pós-moderno e intertextual, Marcelino da mesma forma distribui os contos no sumário em formas de cantos (do mesmo modo disposto no poema “O Navio Negro”) e também como meio de denúncia aos resquícios do período colonial apoiando-se no protagonismo de vivências diversas: crianças, mulheres e negros; abordando diferentes grupos sociais.

No conto “Curso Superior”, Marcelino Freire apresenta de forma delineada e dolorosa o perfil e a vivência do indivíduo negro, subalterno, marginalizado e pós-moderno; típico do sujeito da periferia que vive regido por sofrimento. Ao longo da narrativa é compartilhada a angústia vivenciada pelo negro ao mostrara violência psicológica, ideológica, física e histórico-cultural que esse sujeito sofre ao longo de sua vida. Adicionalmente, o conto denuncia a dificuldade de se pertencer a lugares marginalizados e a grupos fora dos padrões normativos da

sociedade e o protagonista, ao problematizar suas vivências subjetificadas, delinea essa imagem estereotipada e negativa que se tem do negro.

Desse modo, pretende-se analisar essa manifestação de consciência e resistência, porque agora esse sujeito não se cala. Ele abusa do discurso de forma escancarada para expor sua vida e suas incertezas perante a sociedade. Neste contexto, o artigo discutirá a posição e o lugar de fala do sujeito da narrativa, os preconceitos, a violência, o medo e a angústia; aspectos percebidos na construção ficcional do conto. Por isso, faz-se válido verificar a importância do pensamento decolonial e da descolonização da mente (plano metafórico) em busca da libertação da consciência para desatar as amarras existentes no campo do conhecimento e usá-las como instrumentos de denúncia e crítica às estruturas de poder, dominação e outremização. No segundo parágrafo do conto, nota-se a percepção deste sujeito-protagonista e subalternizado em relação ao preconceito que ele sofrerá por ser negro. Percebe-se assim a nítida insegurança do indivíduo ao se deparar com cobranças em relação aos seus estudos ou ao ingresso na faculdade. A repetição de “por que não passei” mostra as formas de objetificação desse ser, criadas a partir da introjeção social de preconceitos e estereótipos desde o período da colonização até os tempos atuais:

O meu medo é o preconceito e o professor ficar me perguntando o tempo inteiro por que eu não passei por que eu não passei por que eu não passei porque fiquei olhando aquela loira gostosa o que é que eu faço se ela me der bola hein mãe não sei (FREIRE, 2005. p. 97).

Assim, justificam-se as recolhas teóricas escolhidas para o desenvolvimento desta análise como as teorias de Thomas Bonnici (2005) sobre os conceitos pós-coloniais; “Colonialidade do Poder” cunhado por Quijano (2005) e “Decolonialidade” pela ótica de Walter Mignolo (2003), à luz dos estudos de Quijano. Do mesmo modo, serão tratadas as estruturas que compreendem os processos outremização: rejeitar o outro (oprimido) para colocar o Outro (opressor) em posição de superioridade. Além do mais, serão trabalhados os conceitos de Gisèle Manganelli Fernandes (2009) em torno da ficção pós-moderna e as manifestações da cultura pós-moderna.

Resistência do negro subalternizado: colonialidade do poder e pensamento decolonial

Marcelino Freire traz em suas obras uma crítica aos comportamentos da sociedade contemporânea ao apresentar de modo ficcional as formas de domínio e exploração presentes no país, as quais são resquícios da colonização. O contista problematiza e incentiva por meio da crítica uma percepção diferenciada e um discurso de resistência - os quais colocam esses sujeitos subalternos nos quais a narrativa menciona - de modo consciente da falta de oportunidades que possuem em sociedade.

Em “Curso Superior” o personagem negro relata sua vida em um traçado desde o possível ingresso na faculdade até o decorrer de sua vida guiados pela ótica dos estereótipos pré-estabelecidos para os negros favelados e de baixa renda, que não têm acesso a uma educação de qualidade. O personagem questiona insistentemente à sua mãe como será quando ele entrar na faculdade ou até mesmo circular nos demais âmbitos sociais, se será a mesma realidade de perseguição e violência. Ele coloca uma série de incertezas em torno de sua vivência devido ao preconceito enraizado social e culturalmente.

Partindo do sentido da metonímia², a vivência desse sujeito inominado no conto pode também representar a realidade de outros indivíduos negros. É a imagem de um ser na qual pode representar todos aqueles que vivem amedrontados e angustiados por estarem dia a dia frente aos grupos sociais genocidas e preconceituosos. No excerto a seguir pode-se verificar a ausência de nome ao protagonista do texto, pois os parágrafos são colocados sempre na primeira pessoa do singular “eu”. Assim, esse indivíduo não nomeado reforça a possibilidade de uma angústia vivenciada também em outras realidades:

O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora hein mãe não sei (FREIRE, 2005, p. 97, grifos meus).

Em virtude dessas abordagens presentes na narrativa de Freire, estende-se uma relação entre esse discurso de resistência e o processo de “Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber” (Quijano,2005) existentes no conto, pois são os meios “disfarçados” de dominação e

² Significado: a metonímia é um recurso que se utiliza de linguagem figurada, ou seja, uma linguagem que não é literal, e sim representativa. No conto esse sujeito inominado aparece como uma imagem figurativa que representa a todos.

preservação dos resquícios coloniais que buscam dar continuidade à colonização do ser mesmo de forma “disfarçada” e/ou imaginária. Para tanto, é possível ainda detectar na linguagem ficcional do conto a “Decolonialidade”: a qual não prevê o apagamento dos acontecimentos da colonização, mas sim trazer à tona suas marcas e reafirmar a existência desses acontecimentos por meio de críticas às formas de dominação existentes: políticas, ideológicas, culturais, sociais, linguísticas e econômicas, que preveem a unificação dos valores através dos discursos de hegemonia e eurocentrismo.

Os enfrentamentos abordados no contexto do conto guiam a ideia da soma entre o histórico e o literário, pois resulta das percepções históricas, sociais e culturais em torno da vida subjugada do negro em sociedade. À luz disso, os conceitos pós-estruturalistas, pós-modernistas e pós-colonialistas auxiliam na compreensão desse processo de utilização das formas literárias como meio de combate ao preconceito e aos estereótipos. Compreende-se, a partir da leitura do conto, um olhar sobre um grupo social classificado negativamente a partir da raça, gerando assim a violência. A esse respeito, Quijano pontua:

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferentes entre esses grupos.

A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios*, *negros* e *mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos como *espanhol* e *português*, e mais tarde *européu*, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam se configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, 2005, p. 107).

Mais adiante, complementa:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade á relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira

de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. (QUIJANO, 2005, p. 107).

Assim, cria-se a inferiorização do negro e a partir das diferenças gera-se uma identidade construída de acordo com os conceitos homogêneos. Uma vez que a cultura dos negros passa a ser vista de modo unificado, os sistemas de poder passam a dominá-la e preconizá-la. Esse tratamento racial distinto pertence às ramificações da colonialidade do poder/ser/saber ainda detectadas no contexto contemporâneo. No entanto, agora a literatura responde a esses sistemas e trabalha para escancarar essas dominações em busca da emancipação desses indivíduos violentados. Com isso, faz-se válido ressaltar a importância das teorias decoloniais, o pensamento liminar e a epistemologia das margens definidos por Mignolo (2003) como: “uma maneira de pensar que não é inspirada em suas próprias limitações e não pretende dominar e humilhar” (p.104), pois concentram-se na descolonização das mentes através de processos emancipatórios que surgem como resposta combativa à colonialidade do poder.

Os escritos libertários

A Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber resulta das formas de domínio inacabáveis mesmo após o período da colonização. Assim, nasce um novo molde de domínio e essas práticas perduram e alocam-se nas culturas contemporâneas dispensando a heterogeneidade. Com isso, essa divisão social de caráter homogeneizador acaba por determinar Oprimido e opressor apontados nos estudos de Quijano e reforça que esse molde da Colonialidade prevê colonizar o imaginário e os saberes do ser.

Contrariamente à colonialidade surgem então a decolonialidade e a descolonização das mentes (presentes na literatura pós-colonial) por meio de discursos e manifestações artísticas/culturais diversas, como resposta às violências vividas durante a colonização e aos resquícios deixados por ela. Bem como Bonnici descreve: “A *descolonização* não é apenas a luta pela independência política mas, de modo especial, é o desmantelamento de todas as formas coloniais de poder e controle”. (BONNICI, 2005, p. 23). A pesquisadora Leoné Astride Barzotto também contribui para tais compreensões sistematizando os conceitos aplicados por Quijano e Mignolo acerca da colonialidade e do pensamento liminar:

Anibal Quijano, por sua vez, dedicou seu fazer crítico de longos anos ao desenvolvimento do conceito de “colonialidade do poder” e o mesmo se

consagra na área dos Estudos Pós-Coloniais com a publicação de *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (2005). Contudo, antes mesmo desta importante contribuição, Walter D. Mignolo estuda plenamente o conceito e o aplica em seus estudos que culminam em uma Genealogia das Margens, ou seja, volta seu olhar para todas as potencialidades criativas e protagonistas da América Latina, desde artefatos culturais até os mais complexos meios de desenvolvimento de nossa intelectualidade, a fim de demonstrar que não precisamos ser dependentes e que devemos ser dependentes da contínua vontade externa, sempre exploratória, humilhante e enganosa. Neste sentido, o pensamento liminar surge como uma proposta libertária, uma forma de agenciamento livre a partir do hemisfério sul para contrariar a ânsia dominadora advinda do hemisfério norte, denominada de colonialidade do poder, conforme Quijano pontua (BARZOTTO, 2019, p. 68).

Logo, as novas epistemologias do Sul redimensionam os modos de pensar e os paradigmas em relação à essa imagem negativa construída socialmente sobre os sujeitos subalternos. Em suma, no conto aparecem os traços pós-coloniais que compreendem os campos da colonialidade e decolonialidade, mas também aborda os estilos pós-modernistas.

“Curso Superior” se encaixa nas abordagens pós-modernas e seu caráter ficcional segue os seguintes aparatos explanados por Gisèle Manganelli: “Definir *Pós-Modernismo* traz em seu bojo uma dificuldade extra: o fato de suas manifestações serem recentes e ainda estarem acontecendo no presente momento, além de revelarem grande pluralidade de formas e conteúdos (MANGANELLI, 2009, p. 301). Em relação ao gênero textual a autora colabora: “A ficção pós-moderna que se baseia na História mistura personagens criados e históricos, mas subverte estes últimos.” (2009, p. 305). Neste contexto, as tendências pós-modernistas e pós-colonialistas se conectam, pois ambas buscam a renovação dos discursos homogêneos e compreensão dos estudos culturais como ponto chave para desmistificar as problematizações existentes em torno da diversidade cultural e social dos povos.

Analisando alguns excertos do conto é possível detectar as problematizações existentes na vida do negro, a violência sofrida e o processo de outremização. No parágrafo abaixo nota-se a angústia desse sujeito ao se colocar dentro de um possível relacionamento com uma “loira gostosa”:

O meu medo é a loira gostosa ficar grávida e eu não sei como a senhora vai receber a loira gostosa lá em casa se a senhora disse um dia que eu devia olhar bem para a minha cara antes de chegar aqui com uma namorada hein mãe não sei.

O meu medo também é o pai da loira gostosa e da mãe da loira gostosa e do irmão da loira gostosa no dia em que a loira gostosa me apresentar para a

família como o homem da sua vida será que é verdade será que isso é felicidade hein mãe não sei (FREIRE, 2005, p. 97-98).

Com isso, revela o estranhamento que a sociedade infelizmente ainda tem no que concerne ao envolvimento entre pessoas de diferentes grupos não só entre negros e brancos, mas também entre outras raças, classes, etnias e gêneros.

O meu medo é a situação piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação hein mãe não sei (FREIRE, 2005, p. 98).

O levantamento da questão da cota aparece como estímulo para pensarmos a respeito do direito mínimo a pequenas parcelas de cotas, um número reduzido que ainda é preconizado e criticado pela elite branca mostrando que poucos têm acesso ao ensino superior. Ao deixar de oportunizar uma educação de qualidade e o acesso igualitário em todos os âmbitos, tem-se a colonialidade do ser e do saber. Portanto, traz à tona a questão da atenção que o governo dá a esses sujeitos e de como a falta de oportunidades tanto no âmbito do trabalho quanto dos estudos acontece constantemente.

Esse perfil estereotipado do negro que, mesmo com um diploma em mãos, continua sendo alvo do preconceito, barrado e seguido nos lugares públicos (isso quando não vem a ser assassinado); causa uma ligação com a realidade, pois não é algo fictício, mas sim fatos recorrentes diariamente em vários âmbitos à margem. Esse sujeito, ao questionar o “direito a uma cela especial” no final do conto resgata as regalias que são oferecidas aos brancos e, ao mesmo tempo, negadas aos negros.

Além disso, a presença da figura materna (que consta ao final de todos os parágrafos) denota uma realidade constante de filhos criados somente pelas mães, que na maioria das vezes tem de se sujeitar a serviços domésticos mal pagos e não valorizados para dar o sustento a seus filhos, nas quais muitas das vezes não contam com a presença da figura paterna. A repetição da frase: “O meu medo é” no início dos parágrafos e o “hein mãe não sei” revela a sequência de medos incontáveis pertencentes na vida desses sujeitos marginalizados; bem como o “não sei” deixa subentendido a quantidade de incertezas que circundam a vida desses indivíduos. Esses sujeitos vivem constantemente amedrontados e angustiados de estarem dia a dia frente a frente com essa sociedade genocida e preconceituosa.

O comportamento das pessoas, resultado da pressão social da classe dominante, estimulava a construção das *ideias racistas*. Essa imagem do ser era transmitida de geração para geração. O fato de a pessoa ser negra tornou-se uma determinação objetiva em seu comportamento racial, nas suas práticas institucionais e nas atitudes psicológicas das próprias vítimas. Embora atualmente as teorias raciais tendam a desaparecer, o termo ambivalente *raça* ainda provoca forte discussão nesse período de neocolonialismo e globalização (BONNICI, 2005, p. 59).

Portanto, o relato desse personagem demonstra seu lugar de fala e sobre como é difícil ser negro no mundo de hoje, ou melhor, como é difícil pertencer a lugares marginalizados e a grupos que estão fora dos padrões normativos instaurados em sociedade. Ele problematiza e incentiva uma percepção diferente e um discurso de resistência onde o sujeito hoje se apresenta consciente da falta de oportunidades que possui em sociedade e encontra-se na luta para modificar essa realidade.

Marcelino Freire usa os recursos linguísticos com bastante propriedade e dispõe de termos próximos da linguagem verbal e coloquial. A sequência de palavras sem uso de vírgulas ou demais pontuações (exceto os pontos finais) denotam a forma como esse negro, ao ter oportunidade de falar, dispara seu desespero incessante e sem pausas. Esse indivíduo, protagonista na narrativa, agora tem a oportunidade de colocar para fora aquilo que por muito tempo estava engasgado.

Ponderações finais

Os escritos do autor contribuem para que se possa redimensionar os discursos e a ótica dos estereótipos em relação aos negros, mas também perceber como se dá a vivência dos sujeitos subalternizados bem como as angústias diárias não só do protagonista, mas sim de indivíduos pertencentes a outros contextos.

Os estudos que perpassam pelas questões de discurso de resistência, de alteridade, lugar de fala do sujeito conectados às tendências críticas da literatura comparada e cultural conduzem uma reflexão acerca dos aspectos relacionados à classe, etnia, raça e gênero, e estes, permeado pelas produções literárias, apresentarão um panorama dos comportamentos e padrões sociais instaurados e/ou modificados os quais interferem diretamente na subjetividade do ser, no relacionamento e pertencimento à sociedade. Neste sentido, faz-se necessário atentar-se às

questões pós-modernas e pós-coloniais para que auxiliem a repensar as práticas e comportamentos sociais perante aos grupos heterogêneos.

Para endossar a conclusão deste trabalho, trago aqui um dado atual de nossa sociedade em relação à questão do acesso dos negros ao curso superior. Uma pesquisa³ publicada no site do Jornal da Universidade, 25 anos, em 18 de novembro de 2021 aponta que, embora o público de pessoas negras se apresente em maior percentual na população brasileira, este mesmo público ainda possui baixa representatividade acadêmica.

Alguns pesquisadores têm se preocupado em detectar as causas dessa disparidade existente nos campos universitários atendo-se a pesquisas que apontem os índices de racismo estrutural presentes nas academias e também nos âmbitos profissionais. Wagner Machado, jornalista e servidor da Faculdade de Educação da UFRGS, realizou um levantamento de dados para entender esse processo de desigualdade de acesso à universidade. No período entre 2015 e 2020, o pesquisador confirmou que nos programas de Doutorado em Comunicação das quatro Instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul: UFSM, Unisinos, PUCRS e UFRGS, dos quase 400 acadêmicos que terminaram ou estavam concluindo, apenas 30 são negros, logo, um percentual de 7,5% dos estudantes. Esta base se coloca de maneira desproporcional ao percentual de pessoas negras e pardas no Brasil, que é correspondente a 56,2% da população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essas buscas apontam para a ausência latente dos negros no campo científico, sobretudo nas universidades públicas. Wagner reforça a necessidade de incentivo e fomento às discussões acerca de possíveis mudanças para este cenário de desigualdade para quebrar as barreiras criadas pelo racismo estrutural e pelas ideologias eurocêntricas que prezam pela homogeneidade da população, para que assim os negros consigam existir e resistir.

Em relação à questão de cota, abordada no conto e ainda preconizada em sociedade, é importante ressaltar que a Lei de Cotas é uma política pública que melhorou o acesso não só de negros, mas também de indígenas às áreas de educação. Esta lei determinou que uma porcentagem das matrículas de institutos e universidades federais sejam destinadas a estudantes de escolas públicas, o que ampliam o acesso destes públicos.

³<https://www.ufrgs.br/jornal/mesmo-sendo-maioria-na-populacao-brasileira-negros-ainda-tem-baixa-representatividade-no-meio-academico/>, Acesso em 20 de julho de 2022.

A Lei de Cotas que estabeleceu que 50% das matrículas de institutos e universidades federais devem ser destinadas a estudantes de escolas públicas. Esta política contribuiu para melhorar o acesso de negros e indígenas à educação, mas ainda não é suficiente para o acesso total e igualitário dos negros ao Curso Superior. Sendo assim, supõe-se que discussões como estas venham a contribuir com as proposições de mudanças para este cenário de preconceição e de racismo ainda existente em nossa sociedade.

Referências

ALVES, Castro; HEINE, Heinrich. **Navios negreiros**. Organização Priscila Figueiredo; tradução Priscila Figueiredo e Luiz Repa; ilustrações Maurício Negro. São Paulo: Comboio de Corda, 2009.

BARZOTTO, Leoné Astride. O pensamento liminar como uma resposta à colonialidade do poder em *La mano em la tierra*, de Josefina Plá. **Caligrama**, Belo Horizonte v. 24, n. 1, p. 65-85, 2019.

BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá. PR: Eduem, 2005.

FERNANDES, Gisèle Manganelli. O Pós Modernismo. In.: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ªed. Maringá: Eduem, 2009.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. São Paulo: Record, 2005.

HANZEN, Elstor. “Mesmo sendo maioria na população brasileira, negros ainda têm baixa representatividade no meio acadêmico”. <https://www.ufrgs.br/jornal/>, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/mesmo-sendo-maioria-na-populacao-brasileira-negros-ainda-tem-baixa-representatividade-no-meio-academico/>. Acesso em 20 de julho de 2022.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder – Eurocentrismo e América Latina. In.: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do poder: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

SUZANA, Serecer. *Ossos do Ofídio*. São Paulo, 20 de abril de 2020. Disponível em: <https://marcelinofreire.wordpress.com/marcelino-freire/>. Acesso em 20 de julho de 2022.

VIANA, Guilherme. "Metonímia"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/gramatica/metonimia.htm>. Acesso em 19 de julho de 2022.